

Observações preliminares sobre fenomenologia da religião

*Pierre Daniel Chantepie De La Saussaye**
*tradução de Eduardo R. Cruz***

Nota do editor: Tradução ao português de um excerto da seção fenomenológica do *Manual of the Science of Religion*, de Pierre Daniel Chantepie De La Saussaye (Londres: Longman & Green, 1891). A obra já está em domínio público. As considerações preliminares foram redigidas pelo tradutor do texto.

Considerações preliminares

Pierre Chantepie De La Saussaye (1848-1920), como se sabe, é considerado um dos fundadores da disciplina Ciência da Religião. É também conhecido por ser o primeiro a utilizar em sua obra principal, *Lehrbuch der Religionsgeschichte* (Manual de Ciência da Religião), a expressão “fenomenologia da religião” em um sentido que, até hoje, é objeto de disputa¹. Para auxiliar o leitor a ir um pouco além dessa singela afirmação, oferecemos aqui a tradução de excertos próprios da primeira edição do Manual, sobre o significado desse termo.

Usamos aqui a tradução para o inglês, intitulada *Manual of the Science of Religion*, de 1891, efetuada pela própria filha de Max Müller, Beatrice. Como ela diz no prefácio: “Portanto, a conselho de meu pai, empreendi uma tradução do livro [...] O professor de la Saussaye não apenas revisou cada página de minha tradução, mas me permitiu usar suas próprias notas e correções [...] Sempre que na minha tradução forem omitidas ou alteradas passagens que ocorrem no original, deve-se entender que a responsabilidade é do autor” (p. 10). Isso justifica, pelo menos em parte, o recurso à versão inglesa para a presente tradução.

Como dito, esse é apenas um excerto da seção fenomenológica do *Manual*, que se estende por mais de cem páginas. Ela se subdivide de acordo com os seguintes tópicos, trabalhados de forma comparativa: objetos de culto; idolatria; árvores, pedras e animais sagrados; o culto da natureza; o culto de homens; os deuses; mágica e divinação;

* Um dos pais-fundadores da Ciência da Religião, criador daquilo que hoje passou a ser chamado de fenomenologia da religião. Autor do século XIX, não possui e-mail nem ORCID.

** Professor do PPG em Ciência da Religião da PUC-SP (São Paulo). ORCID: 0000-0002-4921-753X – contato: erodcruz@pucsp.br

¹ Para uma avaliação crítica do uso dessa expressão começando com Chantepie De la Saussaye, ver Tuckett (2016).

sacrifício e oração; outros atos religiosos; lugares sagrados; tempos religiosos; pessoas sagradas; comunidades religiosas; escritos sagrados; as formas principais das doutrinas religiosas; mitologia; as formas dogmáticas e filosóficas da doutrina religiosa; a relação da religião com a moralidade e a morte. A sequência, apesar de algo arbitrária, apresenta um esquema evolutivo, comum na época, que desemboca nas “formas superiores” de religião. A seção fenomenológica é, então, seguida por uma seção etnográfica (culturas ágrafas) e uma seção histórica (culturas de escrita), que é a mais extensa. O original alemão continua com um segundo volume de história das religiões, não traduzido para o inglês.

O dado curioso é que nas edições seguintes do *Lehrbuch*, a seção fenomenológica (comparativa) foi suprimida, ficando a obra restrita àquilo que consta no título do original alemão, “história das religiões”. Assim ele se justifica, e aqui, utilizamos a tradução portuguesa da 2ª. edição:

Nesta nova edição, a *História das Religiões* [Ciência da Religião] teve que ser inteiramente refundida. Foi necessário modificar-lhe o plano. Era preciso desenvolver amplamente a fenomenologia ou pô-la inteiramente de lado. Optei pela segunda solução, em parte para ganhar espaço, em parte porque a fenomenologia é uma ciência intermediária entre a história e a filosofia (Chantepie De La Saussaye, 1940, p. 11).

A única outra referência à fenomenologia é a seguinte: “A classificação dos diferentes fenômenos religiosos (*Fenomenologia religiosa*) conduz da história à filosofia das religiões. Esta estuda na religião o sujeito e o objecto; tem uma parte psicológica e uma parte metafísica. Este volume só trata da parte histórica deste sistema de estudos” (Chantepie De La Saussaye, 1940, p. 15). Essa distinção já se apresentava na primeira edição (ver tradução), e se pode reconhecer aí a divisão que foi popularizada por Joachim Wach (2018), entre os ramos histórico/empírico e sistemático/comparativo da Ciência da Religião.

Na primeira edição, ele foi o único autor. A segunda edição, ao contrário, é uma coletânea. Ele esperava voltar à seção fenomenológica em um livro à parte, mas seus interesses acabaram se voltando mais para a teologia e a ética (Molendijk, 2005, p. 118).

Voltando agora à presente edição, Ariel Molendijk (2005, p. 30, tradução nossa) argumenta que “ele não pretendia introduzir nenhum método novo, mas aparentemente achou importante fornecer aos leitores de seu manual um ‘esboço de fenômenos religiosos’, incluindo fenômenos das tradições judaica e cristã”. Ele prossegue afirmando que Chantepie De La Saussaye foi eclético em suas opções e não teve interesse em desenvolver um sistema abrangente (p. 121).

Em todo caso, há alguns traços na obra de Chantepie De La Saussaye que podem ser reconhecidos na “fenomenologia da religião” posterior, por exemplo, que a perspectiva ética não é suficiente, pois não se poderia saber a origem da religião sem se penetrar em sua essência, o que, em última instância, solicita que Deus seja levado em consideração. Aí se manifesta o lado teológico do autor – a religião crista surge com a expressão mais completa do que pode ser visto nas outras (p. 112).

Já antecipando a preocupação posterior de Eliade, Chantepie De La Saussaye não simpatizava com explicações “reducionistas” e tinha em mente descrever os fenômenos religiosos em seus próprios termos. Sua fenomenologia tinha um pendor psicológico,

de estar atenta à consciência humana, e os aspectos cúltricos e rituais da religião tinham importância especial (p. 119). Entretanto, Chantepie De La Saussaye não trata o sagrado como substantivo como Otto e Eliade, só como adjetivo. Talvez esses traços possam ser reconhecidos pelo leitor no excerto que ora é oferecido. O leitor também pode estabelecer paralelos com a obra do conterrâneo e contemporâneo Cornelis Tiele, em um artigo cuja tradução também foi oferecida pela revista REVER (cf. Tiele, 2018).

Por fim, não deixa de haver uma ponta de ironia no fato de que uma seção suprimida pelo próprio autor tenha terminado por se tornar central na história posterior da “fenomenologia da religião”.

Fenomenologia da Religião

“O objeto da Ciência da Religião é o estudo da religião, de sua essência e de suas manifestações”

A seção fenomenológica é, penso, a primeira tentativa mais abrangente de organizar os principais grupos de concepções de tal forma que os lados mais importantes e aspectos devem aparecer visivelmente fora do outro material. Um tratamento sistemático das várias doutrinas, como tal, não foi tentado.

A coleta e o agrupamento de vários fenômenos religiosos formam a transição da história para a filosofia da religião. Esta última trata a religião de acordo com seus lados subjetivos e objetivos e, portanto, consiste em uma parte psicológica e uma parte metafísica. O presente manual trata apenas do lado histórico [...] no entanto, nos sentimos obrigados a dar um esboço dos fenômenos religiosos¹.

A fenomenologia da religião é mais estreitamente conectada com a psicologia, na medida em que ela lida com fatos da consciência humana. Até mesmo formas exteriores de religião só podem ser explicadas por processos interiores: atos, ideias e sentimentos religiosos não são distintos de atos, ideias e sentimentos não religiosos por qualquer sinal manifesto, mas somente por certa relação interior. Temos de deixar a definição acurada do caráter dos fenômenos religiosos para a filosofia e contentar-nos com a classificação do material etnográfico e histórico mais importante relacionado aos fenômenos da religião. Não devemos, portanto, tentar aqui uma análise da consciência religiosa, mas apenas discutir o significado das classes de fenômenos religiosos mais importantes. Pünjer [1850-1885] fixou-se em quatro grupos de fenômenos homogêneos, ou seja, doutrinas, atos, benefícios e sentimentos religiosos. É claro, entretanto, que esses quatro não podem ser coordenados: os benefícios que as pessoas possuem ou desejam na religião são fundamento ou objeto, estados e sentimentos religiosos são as causas e forças eficientes dos fenômenos externos da vida religiosa. Restam, portanto, o culto e a doutrina religiosa, ou, de modo mais geral, o agir e o dizer religiosos. Mas

1 N.E.: Estes dois primeiros parágrafos estavam presentes no prefácio e introdução do livro.

estes não podem ser separados dos benefícios que o ser humano deseja com eles, nem dos sentimentos que dão origem a eles. Devemos, portanto [p. 68] lidar com as faces do culto e formas de doutrina mais importantes, sem tentar uma ordem estritamente sistemática, ou uma divisão teórica que não corresponda a fatos reais. Falo intencionalmente das formas de doutrina, pois nós não podemos aprofundar em detalhe os ricos conteúdos da consciência religiosa, tais como eles são divididos em sete principais artigos, por Pfeleiderer [1839-1908] por exemplo.

A questão do que vem primeiro, se o agir ou o pensar religiosos, é facilmente resolvida. Todo ato religioso deve ser precedido por um pensamento, ainda que rudimentar. Por outro lado, muitas doutrinas religiosas são menos primitivas do que o ato ritual, e devem suas origens a uma tentativa de explicá-los. Em geral, portanto, nem o ato nem a doutrina podem reivindicar prioridade, e ambos são precedidos por impressões, sentimentos e estados religiosos. Pode se admitir, no entanto, que entre os materiais que dispomos, aqueles que estão ligados ao ritual são os mais originais. Entre os elementos da vida religiosa, aqueles ligados ao ritual são os mais permanentes. Os costumes rituais duram por séculos, são diferentemente combinados e juntados com outras ideias, deixam de ser oficialmente rituais e tornam-se populares, mas permanecem por esses motivos os elementos mais estáveis da religião, levando-nos de volta ao tempo mais distante. As doutrinas religiosas, ao contrário, se desenvolvem, e sem desperdiçar o que é velho, elas tendem a se adaptar a novas exigências. Há aqui também uma espécie de tradição, o que garante certa continuidade, mas não uma permanência imutável. Por fim, no que se refere ao sentimento religioso, cada período, cada grupo, cada pessoa, é mais ou menos independente. Ao descrever a história religiosa de qualquer período, vemos que nós coletamos ao mesmo tempo documentos que se referem a tempos primitivos no culto e costumes, documentos que se referem a um passado mais recente para as doutrinas religiosas e documentos do presente para o sentimento religioso. Além disso, os materiais sobre o culto, não são só os mais primitivos, mas também os mais geralmente acessíveis. Entre todos os povos e raças conhecidas por nós, os atos, maneiras, e costumes são de imediato conhecidos. Com muitos, estas são quase a única coisa que nós conhecemos. De todos os assim chamados selvagens, realmente não sabemos nada além do que eles fazem, e temos que deduzir suas ideias disso e de comunicações que geralmente levam a muito pouco. São apenas as nações em grau maior de civilização, as nações históricas no adequado sentido da palavra, que nos fornecem as doutrinas religiosas, enquanto no que diz respeito aos sentimentos religiosos, nós podemos apenas formar uma opinião durante os períodos que são representados pela grande e multifacetada literatura que nos é disponibilizada. O material mais rico, portanto, para a fenomenologia da religião nos é fornecido pelos atos, culto e costumes religiosos. No que se refere a muitas nações e períodos, isto é o único espelho que reflete algo de suas ideias e sentimentos religiosos. Isto lança uma nova luz na história do culto, e deixa-o já não simplesmente como uma parte da arqueologia. É sem dúvida de importância que não devemos perder de vista o vínculo que conecta o ritual com outras faces da vida pública, mas o ritual deve em primeiro lugar ser entendido como um ato religioso e neste sentido ele pertence essencialmente à ciência da religião.

Os atos rituais têm que ser considerados de diferentes pontos de vista. Eles têm um significado simbólico, são a “linguagem-sinal de teologia” (Tylor). Os ritos consistem de

símbolos que refletem o objeto de culto, ou os sentimentos subjetivos, e dão uma expressão dramática aos pensamentos religiosos. Muitos, como por exemplo Schleiermacher, colocaram muita ênfase no lado estético do culto como uma ação representativa. Na realidade ele pode nunca ser separado do outro lado mais importante do culto, ou seja, o prático. O que o ser humano mais deseja em sua religião não é primeiro de tudo uma representação simbólica de suas ideias e sentimentos, mas uma realização de determinados benefícios que ele espera ganhar por meio de seus atos representativos. Os objetos práticos destes atos rituais são muito diferentes. Às vezes, o interesse centra-se exclusivamente em certos objetos que satisfaçam os desejos materiais, às vezes o que é desejado consiste em objetos mais gerais e espirituais, como quando por exemplo uma cerimônia destina-se a preservar uma determinada ordem cósmica, ou ganhar para o ser humano certos poderes e faculdades sobre-humanos. Em um estágio mais elevado, o que é procurado em um ato de sacrifício não é tanto a oferenda como o doador, e o que é desejado é o favor dos deuses, ou a comunhão com eles. Estes diferentes pontos de vista levam a ideias diferentes sobre os deuses para os quais o sacrifício é pretendido e para estágios e tipos diferentes da piedade, pois é dito que 'o homem cresce com o crescimento de seu objeto.' A história do ritual apresenta a maior variedade nesses objetos e nos meios utilizados para sua realização. É de grande importância descobrir se a comunhão desejada com os deuses é para ser tomado em um sentido moral ou material. No primeiro caso, importância maior é ligada ao homem como ator e no último à comunicação feita por Deus. O ato ritual é, portanto, considerado seja como uma performance humana, seja como uma bênção divina (sacramento), e isso forma a mais profunda linha de demarcação entre os lados ético e místico da vida e da ação religiosa. Do ponto de vista ético, a diferença entre o sujeito e o objeto da religião, entre o homem e Deus, é cuidadosamente preservada: do ponto de vista místico, a diferença desaparece e a comunhão transforma-se em identificação. Há ainda mais um lado do culto que deve ser mencionado, a saber, o pedagógico. O culto é a forma pela qual a religião se manifesta, se mantém e se prolonga. Os ritos são o elo da unidade da religião, pelo qual os indivíduos entram em comunhão com seus irmãos na fé, por mais distantes deles no tempo e no espaço. Por fim, por meio de ritos, os leigos, meio-crentes e crianças são educados para se tornarem aptos a participar dos benefícios da religião².

Referências

DE LA SAUSSAYE, Pierre Chantepie. *Manual of the Science of Religion*. Tradução do alemão de Beatrice S. Colyer-Fergusson. London: Longmans, Green, 1891 [1887]

DE LA SAUSSAYE, Pierre Chantepie. *História das religiões*. 2ª.ed. Tradução de Lobo Vilela. Lisboa: Inquérito, 1940.

MOLENDJIK, Arie L. *The emergence of the science of religion in the Netherlands*. Leiden: Brill, 2005.

2 N.T.: Em seguida, iniciam-se as subseções, com os "objetos de culto".

TIELE, Cornelis P. Concepção, objetivo e método da Ciência da Religião. REVER, v. 18, n. 3, pp. 217-228, 2018

TUCKETT, Jonathan. Clarifying phenomenologies in the study of religion: separating Kristensen and van der Leeuw from Otto and Eliade. *Religion*, v. 46, n. 1, pp. 75–101, 2016.

WACH, Joachim E.A.F. Os ramos da Ciência da Religião. REVER, v. 18, n. 2, pp. 233-253, 2018.

Editor responsável: Fábio L. Stern
Submetido em: 19/04/2022
Aprovado em: 02/07/2022